

MEMÓRIA ORAL E TROCA INTERGERACIONAL: A VOZ SILENCIOSA DE MATEIROS, ERVEIROS E CULTIVADORES DO BAIRRO DO SAPÊ, NITERÓI, RIO DE JANEIRO

Patricia Carla de Almeida e Souza¹

patcarla@gmail.com

Carlos Frederico Loureiro²

floureiro@openlink.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo o entrelace entre teoria e prática no campo da memória social e troca intergeracional, partindo da síntese de uma pesquisa de mestrado realizada pela autora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Elementos de memória social da comunidade do Sapê, Niterói, RJ, relacionados a plantas medicinais e ornamentais são discutidos, através da memória oral de antigos moradores da região - mateiros, erveiros e cultivadores. Muito embora grande parte do bairro - que ainda conserva características rurais - tenha renda familiar baseada em suas atividades com as plantas, a nova geração parece distanciar-se cada vez mais dos saberes locais, que residem nas memórias dos mais velhos da região. O patrimônio imaterial construído no passado permanece, silenciosamente, vivo no novo cenário, numa relação dinâmica entre elementos tradicionais e contemporâneos, revelando tensões e contradições que envolvem o território simbólico e cultural, além de questões de enraizamento e resistência cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Social, Troca Intergeracional, Cultura Local, Plantas Mediciniais e Ornamentais, Ecologia Social

ABSTRACT

This article aims to inter-relate theory and practice in the field of Social Memory and intergenerational exchange, based on a synthesis of a research performed by the author of this article, during her master's studies in Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brazil (2009). Social Memory elements from a district called Sapê, located in the city of Niterói, state of Rio

¹ Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo programa EICOS/UFRJ; integrante do LIEAS (Laboratório de Investigação em Educação, Ambiente e Sociedade); Psicomotricista;

² Doutor em Serviço Social e professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Coordenador do LIEAS/UFRJ; Orientador da pesquisa deste artigo.

de Janeiro, Brazil, related to medicinal and ornamental plants will be discussed, considering the oral memory of old members of the community - mateiros, herbman and cultivators. Even though many of the old residents of Sapê district – which still presents rural characteristics – has their income based in their activities with plants, the new generation seems to be far from their local culture, that resides on the memory of the elderly. The immaterial patrimony built in the past still resists, silently, emerged in the new scenario, on a dynamic relationship between traditional and contemporary elements, revealing tensions and contradictions part of the symbolic and cultural territory, together with rooting and cultural resistance questions..

KEY-WORDS: Social Memory, Intergenerational Exchange, Local Culture, Medicinal and Ornamental Plants, Social Ecology

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta síntese de uma pesquisa de mestrado que abordou a temática da memória social e a importância da transmissão de saberes entre as gerações, através das memórias e narrativas de mateiros/erveiros e antigos moradores do bairro do Sapê³, localizado na região de Pendotiba, Niterói, Rio de Janeiro. Foi realizado um estudo de caso (Moura, 2005) com moradores da comunidade do Sapê, Niterói, RJ, onde considerou-se o saber local da região relativo à utilização de ervas medicinais e plantas ornamentais e a possibilidade de “dar voz” a estes participantes.

Os dados da pesquisa foram tratados através do recurso metodológico da história oral (Minayo, 1992), registrando e ampliando versões sobre a história da comunidade do Sapê, seus saberes locais do passado e as transformações no presente. A escolha do tema buscou privilegiar a memória oral como promotora de enraizamento, possibilitando a problematização sobre questões relativas a continuidades (consciência da historicidade) e transformações (novas possibilidades de ação). Articulando experiências múltiplas e diversificadas de tempo e espaço, buscou-se ir além das dicotomias entre

³ O bairro do Sapê localiza-se na região de Pendotiba, área alta do município de Niterói, RJ, com proximadamente 100 metros de altitude, em relação ao nível do mar. No Sapê, as localidades mais conhecidas são: Florália, Mato Grosso, Buraco, Pedra e Fazendinha;

indivíduo/sociedade e passado/presente (Santos, 2003), valorizando a leveza de reter o necessário para a geração do novo e a preservação da memória.

Partindo da análise dos relatos orais e de referencial local foi possível entender como os participantes percebem seu espaço; como o ontem e o hoje são expressos em suas narrativas; o que motivou a existência de hábitos e práticas coletivas, etc. Através da memória subjetiva e coletiva, os relatos orais criam uma espécie de cartografia mental, na qual o espaço, mais que o tempo, fornece os marcadores significativos e simbólicos da cultura local dos participantes. Além disso, foi possível observar, através dos registros da pesquisa, o “silêncio” e o “esquecimento” característico do momento presente, provocado nos moradores antigos a partir das novas configurações do bairro e as rápidas transformações geradas pela entrada da nova referência urbana na região. Como sugerido por Connerton (2008), ‘o esquecimento como resposta subjetiva ou coletiva pode ser, por vezes, uma reação necessária e adaptativa para a memória que gera dor’. Pode, desta forma, ser uma expressão explícita ou implícita da opressão e do silêncio a que os grupos são submetidos por questões culturais, econômicas e sociais.

A preocupação de Walter Benjamin (1994) e de toda uma geração de intelectuais (Santos, 2003) com a perda de elos comunitários e de tradições estabelecidas, a partir do crescimento das cidades e dos processos capitalistas aproxima-se ao que observamos hoje na comunidade pesquisada, assim como a outras com características rurais. Desta forma, as discussões de Benjamin sobre uma outra temporalidade, diferente da causalidade linear, exterior ao evento compõem o fio condutor de toda a pesquisa. O que pode acontecer quando a capacidade de escutar se perde e a comunidade dos ouvintes desaparece? A arte do narrador que transmitia a seu ouvinte a sabedoria adquirida por sua experiência de vida estaria mesmo morrendo? Estes foram

alguns pontos problematizados na pesquisa, sendo considerados a partir de uma abordagem não linear da história e das relações.

Benjamin tem a temporalidade do presente como o momento da destruição. É o elemento destrutivo que assegura a autenticidade do pensamento dialético. O caráter destrutivo é a consciência do homem histórico. É por meio de seu interesse pelo tempo que a teoria da experiência de Benjamin se encadeia, com sua filosofia da história. Acima de tudo, esse interesse é um interesse pelo presente como o local da experiência histórica. [...] O presente é construído na destruição e reconstrução da tradição (Benjamin, A. 1997, p. 12).

Além das considerações de Walter Benjamin (1985) sobre memória, história e exclusão social, a pesquisa realizada confrontou referências conceituais sobre memória coletiva (Halbwachs, 1980; Bosi 1994; Chauí, 1994); história, resistência cultural e transmissão de conhecimentos (Nora, 1993; Sarlo 2007, Frochtengarten 2005); e, ainda, contribuições sobre memória e territorialidade/enraizamento (Pollak 1995 e Haesbaert 2001).

Como foco deste artigo, discutiremos a temática da pesquisa, partindo dos resultados do trabalho de campo com os entrevistados, considerando a riqueza dos pontos levantados na voz dos entrevistados. Iniciaremos com um breve registro dos conceitos trabalhados na parte teórica da pesquisa, possibilitando um canal de conexão com alguns conceitos do campo da psicossociologia e ecologia social, com as questões trabalhadas em campo, no estudo de caso.

MEMÓRIA: REARTICULAÇÃO DO CAMPO DE SIGNIFICAÇÕES E ENRAIZAMENTO

A concepção de memória como produto de uma atividade meramente subjetiva foi superada pelo pensamento de Maurice Halbwachs (1980), para quem as lembranças são frutos de uma atividade de reconstrução do vivido. A memória seria um ponto de encontro de vários caminhos, conduzidos por

identificações e diferenças, referências subjetivas e sociais, levando a questão da memória a um processo contínuo de reconstrução e aprendizado. Sendo o grupo a base da memória (Chauí, 1994), cada geração traz a memória dos acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua história, retendo imagens e idéias, valores e afetos vinculados a lembranças individuais e coletivas. Assim, a relação que se estabelece com determinada tradição não é a recuperação de traços essenciais de uma cultura coerente e contínua. Mas, uma categoria que, expressando-se na relação entre os significados e a ação dos sujeitos (Velho, 2001), permite rearticular um campo de significações em que se podem compreender as relações dos sujeitos com sua história, relações entre presente e passado.

Contar o passado envolve organização de idéias e a nomeação das vivências e sua integração. Desta forma, diríamos que o campo compartilhado pelo narrador e ouvinte propicia um ingresso no campo político, uma abertura ao engajamento do passado no presente e uma reelaboração de vivências, que exigem respostas mentais. Consideramos, por conseguinte, a memória oral como condição promotora de “enraizamento” (Frochtengarten, 2004) e, ainda, como possibilidade de reelaboração de culturas, que se sentem ameaçadas pela sobreposição de outras. A busca pelo reconhecimento das tradições locais de grupos minoritários passa pela necessidade de encontrarem referências de identidade local, que possam dar suporte à sabedoria extraída de suas vivências (Pollak, 1995). E, ainda, a possibilidade de ampliação dos canais de comunicação entre os participantes mais antigos com os mais jovens moradores do bairro pode significar uma estratégia de integração e de construção de cidadania. A cidadania é aqui assumida como algo que se constrói permanentemente, constituindo-se ao dar significado ao pertencimento do indivíduo a uma sociedade, em cada fase histórica (Loureiro et al, 2003 e 2007).

Somos agentes individuais e coletivos na história. Entender a interpretação do que fazemos na natureza, dá-se sob uma cultura e uma sociedade que nos constituem e que são por nós mutuamente constituídas (Loureiro et. al., 2006, p.120).

MEMÓRIA: CONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS E RESISTÊNCIAS CULTURAIS

Estudos na área da memória social sugerem aprofundamento nas políticas de inclusão e reconhecimento de questões psicossociais relevantes. Entendemos que parte do patrimônio construído no passado permanece no novo (Benjamin, 1999, p. 131), numa relação dinâmica entre agentes tradicionais e contemporâneos. O fato de coexistirem universos justapostos de elementos tradicionais e elementos atuais resulta no reconhecimento da constituição dos territórios, também evidenciando as tensões e contradições subjacentes. Lembramos que resistências culturais se desenvolvem, na maior parte das vezes, de forma tímida e silenciosa, dentro dos grupos minoritários - como no caso dos mateiros, erveiros e cultivadores participantes do estudo de caso em questão. Narrativa e escuta sobre o passado dão suporte a atos de resistência, enraizamento e territorialidade não somente em relação ao grupo estudado em referência, mas também de outros grupos minoritários, que conseguiram preservar as raízes de sua cultura ainda vivas até hoje, como no caso da cultura africana e da cultura nativa indígena. Por mais silenciosas – ou melhor, silenciadas - que sejam, elas continuam vivas até os dias de hoje, sendo a expressão de sua memória uma estratégia para a continuação de histórias narradas.

MEMÓRIA SOCIAL E TROCA INTERGERACIONAL - ADOLESCENTES E SEUS FAMILIARES DA COMUNIDADE DO SAPÊ, NITERÓI, RJ



Figura I: Foto Nilson e os jovens participantes do Projeto Sapê, identificando plantas

Movendo a discussão para a pesquisa de campo com os moradores do bairro, é importante ressaltar que a motivação para a realização desta pesquisa de mestrado partiu das atividades realizadas durante o *Projeto Sapê* (Souza, 2007), iniciativa de ação social voluntária, elaborada e coordenada pela autora, tendo sido realizada de março de 2001 a dezembro de 2007, no bairro do Sapê, Niterói, RJ. Os participantes do Projeto Sapê eram 20 adolescentes e pré-adolescentes moradores da região e alunos da única escola pública do bairro – Escola Municipal Levi Carneiro, sendo os encontros realizados com a carga horária de 4 horas semanais. A partir de conversas informais com familiares e idosos da região, durante as atividades do *Projeto Sapê*, percebeu-se uma preocupação dos mais idosos com a crescente fragilização de laços comunitários na região e progressiva perda do saber local da região. Segundo seus relatos, até cerca de 20 anos atrás, os moradores do bairro do Sapê orgulhavam-se pela característica rural de suas terras. Muitos dos moradores

antigos buscavam o bairro por considerarem uma área propícia às suas plantações – já que havia predominantemente pequenos sítios, com cultura de subsistência e muitas áreas verdes, remanescentes de Mata Atlântica, sendo, ainda, um bairro próximo ao centro da cidade de Niterói. Os relatos informais das famílias, como os citados acima, durante as atividades do Projeto Sapê, formaram a base original de pesquisa posterior no programa EICOS/UFRJ (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) do estudo de caso sintetizado no presente artigo. Passaremos, então, para os registros realizados a partir da voz dos participantes, ressaltando a importância da expressão de suas memórias para o registro coletivo de suas histórias orais e valorização de suas práticas ecológicas e sociais.

ESTUDO DE CASO – HISTÓRIAS ORAIS DO BAIRRO SAPÊ, NITERÓI, RIO DE JANEIRO



Figura II: Foto de Seu Tatá com o Pau D'Água (usada para arranjos florais)

Dos 10 aos 12 anos, eu vivia dentro da mata, daqui até o Jacaré: entrava de um lado da pedreira e saía do outro! Aprendi o ofício com meu pai: tudo era aproveitado da planta, até o galhinho! [...] Desde muito pequeno peguei a responsabilidade de entregar as orquídeas. Antigamente, o serviço começava de manhã cedo e só parava meia-

noite, lá em casa. Quatro horas da manhã, eu ia com meu pai para o rodo do Sapê para pegar o ônibus, cheio de embrulhos...depois, a barçaça para o Rio... Eu tinha... 9 ou 10 anos e levava planta para Botafogo, Copacabana. Quando tinha 16 anos, meu pai saiu de casa... minha mãe morreu quando eu tinha 21. Comecei a plantar orquídea, por minha conta. Levava para vender... na subida da mata da Figueira tinha muita renanthera e era nosso sustento por aqui (Bento, 50 anos, Filho de Seu Tatá, 85 anos).⁴

Segundo os entrevistados, num passado recente, era comum no bairro do Sapê o cultivo de plantas ornamentais, como forma alternativa de recurso financeiro familiar, além de pequenas hortas formarem a base da alimentação das famílias. Grande parte dos mateiros e erveiros da região de Niterói são, até os dias de hoje, moradores do bairro e fornecedores de ervas medicinais para laboratórios do Rio e de Niterói, baseando sua economia doméstica nas ervas medicinais e plantas ornamentais - com destaque para as orquídeas e bromélias.

A sabedoria vai passando de geração em geração. Os netos vão aprendendo para repassar para seus filhos e assim por diante. Minha vó passou para mim...eu passei para os filhos e os netos. Ela era parteira, garrafeira e raizeira. Fazia remédio, garrafada e ensinou tudo o que sabe. Herdei a sabedoria de minha vó, porque eu sempre indagava sobre as ervas. Meu pai pedia que eu ficasse quieta, mas minha vó dizia: olha, você deixa a menina, porque o que sei hoje vai passar para ela. Amanhã, quando eu partir...ela vai fazer o que estou fazendo, porque ela vai aprender! Ela morreu com 115 anos (Dona Lina, 82).⁵

⁴ Seu Tatá, 85 anos e 60 de moradia no Sapê, viúvo, 13 filhos, mateiro; as plantas até a data da pesquisa, ainda era base de sua renda familiar. Faleceu ao final de 2010, com muita tristeza, sabendo de mais desapropriações para a construção do “bairro modelo” no Sapê. Seu filho Bento, 50 anos, trabalha com plantas ornamentais; seus outros filhos e alguns netos receberam seus conhecimentos com plantas, porém nem todos trabalham nesta profissão.

⁵ Dona Lina, 81 anos, 20 no Sapê. Viúva, 5 filhos, 15 netos, 13 bisnetos e 1 tataraneto. Passou por momentos difíceis de saúde em 2011 e 2012. Dois de seus filhos e um de seus netos (Mário, 24 anos) são especializados em ervas medicinais, trabalhando como mateiros e erveiros;

O trabalho de campo nesta pesquisa confirmou diálogo intergeracional já existente sobre saberes tradicionais construídos no dia-a-dia de cada morador antigo, relacionados ao cultivo de plantas ornamentais e ervas medicinais. No entanto, a partir das novas configurações que o bairro vem sofrendo – com crescente demanda dos empreendimentos imobiliários, asfalto, alterações na paisagem natural, etc. – as gerações de seus filhos e netos parecem não reconhecer os valores e as práticas das gerações anteriores, refletindo uma desvalorização destas atividades em seus discursos. No entanto, os resultados da pesquisa comprovaram que a transmissão de conhecimentos e o trabalho com as ervas medicinais e plantas ornamentais continua acontecendo com o auxílio das gerações mais jovens, ainda que de forma muito silenciosa, sendo até os dias de hoje a principal fonte de renda das famílias entrevistadas.

Os entrevistados comentaram, ainda, sobre as transformações espaciais, ambientais e sócio-culturais que o bairro vem sofrendo – a partir da chegada dos grandes condomínios e asfalto - além de um crescente distanciamento dos mais jovens em relação ao local onde vivem, demonstrando constrangimento e vergonha por morarem nesta área da cidade, nos dias de hoje. A realidade observada na comunidade do Sapê é bastante comum, também, em outras regiões brasileiras⁶ - especialmente onde fortes características rurais ainda estejam presentes em bairros urbanos.

Não tem ninguém mais que plante nada no Sapê, não! Ninguém planta mais nenhuma batata para comer, não. Porque só tem ai gente jovem,

⁶ Como nas pesquisas de pós-graduação UFRJ, realizadas por Pimentel (2003); Ritter (2007) e Costa (2008) sobre comunidades que preservam características rurais, ainda que considerados urbanas. Seus trabalhos também ratificam a importância dos estudos sobre memórias de bairro no Brasil, pela quantidade reduzida de estudos existentes;

que estudou e trabalha em casa de família, comércio...aí não tem tempo para plantar. E também, já não tem mais espaço, né! Fazem uma casa aqui, outra ali, cimentam um pedaço aqui, abrem um caminho ali, cortam árvores lá (Dona Ida, 74 anos).⁷

O cultivo de plantas ornamentais e a coleta de plantas medicinais são ratificados, na fala dos entrevistados, como sendo elementos de um saber local que, no passado, era transmitido oralmente de pais para filhos - durante as atividades diárias de trabalho com as plantas, em família - e que hoje está cada vez mais distante da realidade das novas gerações e dos novos moradores do bairro. A história oral do Sapê, pela voz dos antigos moradores, constitui-se uma possibilidade de registro de memória para o bairro, já que as únicas referências encontradas sobre o mesmo encontram-se em jornais antigos sobre a região de Pendotiba, com poucos recortes sobre o bairro.

TROCA INTERGERACIONAL DE CONHECIMENTOS X TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS

Os jornais encontrados datam da década de 70, citando a região de Pendotiba, onde se encontra o bairro do Sapê, como um dos principais estoques de terra não ocupadas da cidade de Niterói naquele momento. As matérias trazem informações sobre a base econômica dos moradores da região de Pendotiba, em sua maioria com pequenas propriedades rurais de economia sustentável. Os mesmos jornais apontavam a construção da ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói) como um dos fatores de influência no crescimento demográfico das regiões de Pendotiba e da região Oceânica em Niterói, o que trouxe profundos reflexos aos moradores antigos destas regiões. Apesar do

⁷ Dona Ida, 74 anos, nasceu na Fazendinha, Sapê, viúva, 3 filhos, dois deles trabalham com plantas; hoje possui loja no Sapê especializada no comércio de plantas ornamentais, sua economia é baseada na venda de plantas. Passou por problemas de saúde em 2011, quando tensões trazidas por uma possível desapropriação de suas terras culminaram. Seus filhos e família continuam resistindo às imposições trazidas pelo “bairro modelo” no Sapê, com processos judiciais em andamento ainda em 2012.

bairro do Sapê não possui registro histórico em nenhum livro oficial, sabemos que a grande disponibilidade de áreas verdes, com remanescentes de Mata Atlântica no local atraiu a população de classe média/alta de bairros e cidades adjacentes, com incentivos do governo municipal para a compra de imóveis (casas em condomínios de luxo) e terrenos a serem pagos a prazos confortáveis. As conseqüências destas transformações são observadas hoje, com uma população dividida em “guetos de privilegiados”, com os novos moradores do bairro - em sua maioria de classe média a alta, à procura de uma melhor qualidade de vida - e “guetos de excluídos”, onde incluimos os antigos moradores entrevistados em nossa pesquisa.

Constatamos, através das falas dos entrevistados, que a transmissão de conhecimentos relativa ao cultivo de orquídeas, bromélias e à coleta e identificação de ervas medicinais vem sendo repassada de geração em geração, ainda que a maior parte de seus descendentes apresente desinteresse crescente por atividades profissionais relacionadas às plantas, distanciando-se cada vez mais de suas referências de identidade local. Uma discussão relevante registrada na pesquisa diz respeito a uma tendência à desvalorização das próprias atividades que exercem com as plantas pela maior parte dos entrevistados, não se referindo às mesmas como uma profissão e sim um trabalho alternativo, ainda quando afirmam ser sua renda principal. Talvez, esta contradição responda, em parte, à pergunta que trazemos sobre a desmotivação das gerações atuais com o trabalho de seus ascendentes: *até que ponto a terceira geração dos entrevistados (os netos dos entrevistados) escolhe não ser mateiros ou cultivadores de plantas? Teriam sido eles condicionados pelos próprios familiares a procurarem uma “profissão”, a partir das mudanças ocorridas no bairro? Se para alguns, a denominação “roça” foi o atrativo para a chegada no Sapê, pela disponibilidade de terras para plantio e*

seu cenário verde, com riqueza de espécies, hoje morar ou trabalhar na “roça” carrega um sentido pejorativo para as gerações atuais de antigos moradores com acesso direto aos novos moradores e comunidades adjacentes. Sentem-se constrangidos por morarem na “roça”, muitas vezes, negando serem moradores do Sapê ao freqüentarem escolas de bairros do entorno, acentuadamente urbanos.



Figura III: Foto de Dona Ida em seu sítio.

Muito embora as narrativas dos moradores mais antigos do bairro transbordem sua paixão e emoção, tanto pelas plantas quanto pela localidade do Sapê, no passado, as novas gerações vivenciam a desvalorização da área – hoje considerada “roça”, no sentido pejorativo da palavra. Com o acesso às escolas de nível médio em bairros urbanos adjacentes ao Sapê, admitir morar em localidade de “roça” é bastante constrangedor, com todo o acesso que hoje têm a informações via internet (escola), através dos livros didáticos e também pela comparação que sempre existe ao observarem as outras localidades do entorno, já que não existem escolas de nível médio no bairro. Um aspecto bastante contraditório desta questão é que, por outro lado, cada vez mais a população de classe média à classe alta procura áreas como o Sapê, com características ainda rurais, para que suas famílias tenham uma melhor qualidade de vida.

Eu trabalhava de dia na rua, com as ervas e à noite no Colégio, como inspetora em Niterói. Depois, fiquei só com as ervas. Meu filho Ricardo sabe trabalhar com ervas e é meu braço-direito por aqui; meu neto também sabe de tudo. Hoje meu neto está de carteira assinada nas Sendas, porque sempre incentivei eles a terem carteira. [...] Mas, se meus filhos ficarem desempregados, eles sabem trabalhar com as ervas, honestamente (Dona Lina, 81 anos).⁸

Isso aqui não é profissão, não senhora! É só um ganha pão para minha vó e para meu tio. Para eles, para mim, não. Este trabalho aqui é mais para quem precisa, senhora...arrumar um trocado no dia-a-dia. A maioria dos jovens prefere trabalhar de carteira assinada, né! Um benefício todo mês...sabendo que é aquilo certinho ali. Aqui...só Deus mesmo! (Mário, 24 anos, neto de D. Lina, 81 anos).

Eu trabalhava e tinha esta atividade ao mesmo tempo. Depois fiquei só com as plantas. Cada filho seguiu sua profissão, mas cada um aprendeu comigo a lidar com as plantas. As filhas foram arrumando companheiro...casando. Meu pai era pedreiro, mas catava para sustentar a família. Passou de geração a geração! [...]Hoje o mateiro não tem tanto valor...a concorrência aumentou, as pessoas hoje vão de carro buscar as ervas e eu continuo a pé. Isso aumenta a concorrência, mas eu continuo insistindo em buscar as plantas a pé! (Seu Tatá, 85 anos).

As transformações sofridas pelo bairro, na transição do espaço rural do passado ao semi-urbano do presente, provocam um sentimento de fragmentação e de descontinuidade em relação aos saberes tradicionais locais pelos mais jovens da comunidade, além do desinteresse pelas questões relacionadas ao meio-ambiente local. Em contraste, os antigos moradores do

⁸ Dona Lina, 81 anos, 20 no Sapê. Viúva, 5 filhos, 15 netos, 13 bisnetos e 1 tataraneto. Passou por momentos difíceis de saúde em 2011 e 2012. Dois de seus filhos e um de seus netos (Mário, 24 anos) são especializados em ervas medicinais, trabalhando como mateiros e erveiros;

Sapê consideram, até hoje, as ervas medicinais, as plantas ornamentais e suas hortas como fonte de prazer e de contato com a natureza, muito embora enfrentem o desafio da falta de espaço para suas plantações, com as novas características espaciais do bairro.

Questionamos o processo de expansão mobiliária desenfreada de nossas cidades, que avança sobre territórios ocupados por grupos originários, desconsiderando suas práticas, saberes locais e visões de mundo peculiares, como o caso da comunidade do Sapê. A ocupação de grandes áreas verdes dos bairros por condomínios vem causando impactos, não apenas ecológico, com a destruição de nascentes e rios, retiradas de árvores e transformações drásticas na paisagem natural. Mas, também, sócio-cultural com a privatização dos espaços públicos e a redução das áreas de acesso à mata.

A ocupação excludente, que privilegiou condomínios fechados, desalojou antigas famílias da região – muitas delas possuíam documento de posse das terras, sem registros oficiais – acarretando uma tendência cada vez maior à favelização. Além disso, a apropriação privada de grandes áreas públicas tem limitado o acesso dos moradores antigos a áreas de valor paisagístico e de lazer, sem contar os que exercem atividades que dependem das plantas medicinais, como os mateiros da região. Onde antes existia uma vizinhança que se reconhecia facilmente, por residirem em pequenos sítios e em número limitado de habitantes, hoje, em contraste, encontramos uma grande circulação de pessoas e alta rotatividade de moradores.

Há uns 30 anos atrás, a terra era mais barata no Sapê e as pessoas vinham para cá, atraídas pela facilidade para o cultivo. Existia terra mais fácil, aberta. Hoje, praticamente todos os sítios do passado viraram condomínio. Não que os condomínios venham devastar a região, mas ocupam as áreas melhores para cultivo. Onde havia um sítio com uma ou duas casas, se instalou um condomínio, com

diversas pessoas. Ainda não é tão ruim por serem condomínios de casas e não de apartamentos! [...]. Os moradores dos condomínios não utilizam ônibus, porque cada morador possui 1 a 2 carros. Os moradores antigos continuam andando a pé e nos ônibus, que hoje ainda é precário. Mas, imagina antigamente (Nilson, 47 anos).⁹

ERVEIROS, MATEIROS E CULTIVADORES E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO BAIRRO

Identificamos que as novas configurações do bairro do Sapê trouxeram um maior distanciamento entre os moradores antigos da região, não sendo desenvolvidos movimentos que pudessem auxiliar na criação de redes de apoio aos que tinham a agricultura como renda principal. Com o aumento da concorrência externa, a partir do crescente interesse pelos fitoterápicos pela indústria de produtos naturais, houve acentuada redução nos clientes dos cultivadores e erveiros do Sapê e de outras regiões adjacentes. A pouca disponibilidade de transportes públicos e recursos econômicos marcam uma grande diferença entre pequenos e grandes produtores.

Com o início da industrialização e subsequente industrialização do país, o conhecimento tradicional começou a ser posto em segundo plano. O acesso a medicamentos sintéticos e o pouco cuidado com a comprovação farmacológica das plantas tornou o conhecimento da flora medicinal sinônimo de atraso tecnológico e charlatanismo. Essa tendência seguiu o que já acontecera em outros países em processo de urbanização. [...] Essa inadequação inicial manteve a fitoterapia em um período de obscurantismo, onde esteve mais próxima do misticismo do que da ciência (Lorenzi & Mattos, 2002).

De acordo com Lorenzi & Mattos (2002), até o século XX, o Brasil era um país essencialmente rural, com amplo uso da flora medicinal, tanto nativa quanto

⁹ Nilson, 47 anos, divorciado, 2 filhos. Um filho trabalha com plantas ornamentais. Cultiva orquídeas e bromélias e é horticultor. Sua subsistência e de sua família é baseada no cultivo de plantas. Em 2010, deslocou seu viveiro de plantas para Parati, pela impossibilidade de cultivo de plantas ornamentais em terras tão alteradas pelo crescimento urbano.

introduzida. Sendo assim, até meados do século XX, o uso de plantas medicinais no Brasil constituía a base da farmacopéia nacional. Estas colocações ajudam-nos a compreender os reflexos deste cenário em regiões rurais como o Sapê, onde é notável a crescente desvalorização de profissões relacionadas às plantas medicinais e o não reconhecimento dos próprios mateiros em relação a sua atividade como uma profissão. O vínculo do saber tradicional sobre as ervas com atividades místicas e de teor puramente folclórico ainda é feito pela população, em geral, muito embora tenhamos observado através das entrevistas deste trabalho, que isto não afastou uma parcela significativa da população da utilização e compra das plantas medicinais.



Figura IV: Foto Barba de Velho (planta medicinal e ornamental) e Renanthera (orquídea, ornamental).

Tem certas doenças que a medicina não cura que o mateiro cura. O pessoal do Laboratório da Rua do Senado no Rio sempre diz: Seu Tatá é o maior laboratorista...sempre dá uma sugestão quando necessitamos. O laboratório pede erva difícil, mesmo. A gente vai procurar, vou para Itaipuaçu... aí, tem que entrar no mato mesmo, levar facão... Com um facãozinho.. uma faquinhazinha boa que arranjei agora para catar a carqueja...que é para diabetes e certas modalidades de plantas. A gente é obrigado a entrar no mato com água e tudo (Seu Tatá, 85 anos).

Para além desta condição pejorativa em relação ao trabalho com plantas medicinais, as narrativas dos mateiros e erveiros trazem um orgulho e um prazer por continuarem exercendo sua atividade, ainda que de forma bem limitada em comparação ao passado:

Antes, o que a gente vendia tinha valor. Hoje, não! A concorrência aumentou muito! As pessoas e empresas usam o mato, hoje, de uma maneira mais fácil: vão de carro pegar a erva no mato. Mas, eu ainda vou a pé. A senhora quer saber de uma coisa? Eu vou daqui até Itaipuaçu, à Maricá, a pé, cortando por estas estradas. Mas, agora já tem transporte, né. Mesmo assim, eu vou a pé... não é andando no caminho, não. É dentro do brejo, com água aqui assim, marimbondo, cobra... eu atravesso por dentro do mato, com um facãozinho bom que arranjei (Seu Tatá, 85 anos).

Tatá vende para o Rio, para um depósito grandão. Ele tira e leva para lá em sacos grandões! É uma coisa que a gente admira, 84 anos ele tem. Os jovens hoje não agüentam o que a gente agüenta! Eu trabalho na rua, levanto 5:30. Em casa, faço todo o meu serviço antes de sair. À noite, faço o almoço para mim e para meu netinho, que crio. Rendo meu filho na barraca às 10h e fico até 16h e 30min. Volto com meu neto e meu filho fica lá para fechar a barraca. Me sinto bem aqui! Eu trabalho o dia inteiro, às vezes tenho que ir à Madureira e viajo sozinha de ônibus, com 81 anos (Dona Lina, 81 anos).

Ainda que não seja a intenção deste artigo o aprofundamento sobre tema da utilização de fitoterápicos – por sua complexidade frente às discussões na área de saúde na atualidade – cabe-nos apenas citar que em 2006, o Brasil sediou a 8ª Convenção sobre Diversidade Biológica, um encontro criado em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, onde consolidou-se a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (ANVISA, 2006). Em novembro de 2006, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária publicou um boletim, informando que, entre outras determinações, ampliaria o uso de fitoterápicos para o Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com o boletim, as ações previstas para os próximos anos incluem a catalogação de

plantas com potencial curativo e a criação de um banco de dados sobre conhecimento tradicional de plantas medicinais, como base para orientar projetos de pesquisa para desenvolvimento de produtos, organização de registro e o conhecimento tradicional de transmissão oral para *proteção dos detentores deste conhecimento* (2006).

A especialização e o contato com outros produtores seriam possibilidades estratégicas para o pequeno produtor ou cultivador, criando um espaço de divulgação de técnicas únicas, desenvolvidas durante o trabalho aprendido na prática do dia-a-dia e da experiência de vida destas pessoas:

Eu tenho contato com pessoas que têm lojas de plantas, que vendem plantas. Então, hoje, apesar de existirem grandes fornecedores de São Paulo no Rio de Janeiro, ainda há uma parcela de plantas que São Paulo não consegue produzir. Aí, eu consigo, por ser pequeno e por ter poucas despesas e sobreviver das minhas plantas... e pelo meu conhecimento com as orquídeas e as bromélias, especificamente, existe uma procura ainda por este conhecimento, na parte de manutenção e exposição de plantas. Por isso, digo que a especialização é o que toca meu trabalho hoje, não a área de cultivo como um todo, porque sou um cultivador muito pequeno, mas especializado no que faço (Nilson, 47 anos).

TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL SILENCIOSA: REGISTRO DA MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA CULTURAL

Constatamos que as histórias orais deste estudo de caso trazem algumas particularidades das vivências locais e práticas diárias, as quais viabilizavam laços simbólicos profundos, a partir da convivência em família e das experiências de trabalho compartilhadas desde a infância dos filhos no passado. Além disso, observamos a partir das memórias da infância dos entrevistados, o compartilhar dos conhecimentos repassados através de seus ascendentes - incluindo o cuidado com as plantas e a natureza, em geral -

confirmando que a transmissão intergeracional de conhecimentos vem acontecendo, ainda que silenciosamente, de geração em geração, na preservação do saber local, ainda que em meio às novas configurações do bairro. Por mais silenciosas – ou silenciadas – que sejam, as narrativas orais continuam vivas até os dias de hoje, atuando como atos de resistência de uma minoria. Assim, percebemos a continuidade de práticas tradicionais, como atos de enraizamento e territorialidade desta minoria, que preserva as raízes de sua cultura até os dias de hoje, de forma semelhante a outras minorias – afrodescendentes, povos nativos brasileiros, entre outras.



Figura V: Foto Bento e seu pai (Seu Tatá), mateiros, identificando plantas.

O elo em comum na história de nossos entrevistados é a relação concreta e simbólica com as plantas e suas experiências como base da narrativa de suas memórias, sendo estas o resultado das relações sociais com a família e com o grupo a que pertencem. Além disso, as dificuldades enfrentadas no Sapê do passado – como precariedade nos transportes, água, luz, entre outras – eram superadas, segundo os entrevistados, pelo elo de amizade com a vizinhança e o contato mais próximo da família com os ofícios de mateiro, erveiro e cultivador.

Na estrada do Sapê, tinha um local muito bonito. Tinha uma pedra, que atravessava a pista de barro. Ela fazia tanto a pista, quanto fazia uma parede lateral. Tinha uma árvore muito grande, em cima da pedra. Na beira desta pista tinha uma casa antiga...um lago bonito! Era uma casa que parecia uma fazenda...mais abaixo, um gramado e mais abaixo terminava num lago, que era um córrego de água limpa, que vinha do alto do morro. (...) Agora se transformou em vala de esgoto – com a chegada de mais gente e do desenvolvimento desordenado. A ponto deles aterrarem o lago e botarem uma manilha por dentro dele, só para correr a água. Isso, tudo, perto de uma área onde hoje é a Escola Catavento. A área era conhecida como “Pedra”. Em dois pontos desta região, a pedra do subsolo aflorava e fazia a pavimentação da via que era natural, mesmo. Então, o nome do lugar ficou conhecido como “Pedra” (Nilson, 47 anos).

As mudanças do presente trazem uma maior rotatividade de pessoas ao bairro e todos os desafios de um crescimento desordenado, dificultando as relações de identidade e de pertencimento. Segundo Halbwachs (1980), as transformações de um lugar podem afetar os sujeitos e modificar seus hábitos. As novas configurações espaciais do bairro transformam parte do universo de lembranças e imagens dos entrevistados, que enfrentam o desafio do desaparecimento de suas memórias. Ao reviverem as lembranças do passado no bairro, trazendo imagens de sua característica física, as alternativas de lazer e as brincadeiras de rua, o verde dos pequenos sítios do passado, entre outros, os entrevistados deixam uma herança imaterial para as novas gerações nos registros desta pesquisa. É importante ressaltarmos que o tempo de convivência deste grupo foi importante para as construções simbólicas e imaginárias, que deram significação ao espaço onde se localiza o bairro do Sapê, tornando-o um lugar de pertencimento.

Naquela época, existia uma riqueza muito grande de brincadeiras de rua, porque só se brincava quando todo mundo tava na rua. Tinha uma quantidade grande de crianças nas casas e era de costume brincar na rua em grupo. Foi uma infância bastante fértil! Era tudo com baixa tecnologia: lata, perna-de-pau, tudo construído por nós mesmos. Fazia

carrinho de lata de leite, cortava bambu, fazia as varetas da cafifa. Quando não tinha dinheiro para comprar papel fino, fazia com papel de pão, mesmo (Nilson, 47 anos).

A distração do pessoal daqui e do Caramujo no domingo era ir para a cachoeira, tomar banho aqui! Só era muito perigosa...entrava muito bem...quando via sumia! A cachoeira nascia no Parque da Colina. Este rio aí em frente, meus filhos à noite passavam um óleozinho para catar sapo e rã para vender. Agora, a senhora pode entrar que não encontra nada. A água...ficou toda envenenada (Seu Tatá, 85 anos).

Nasci no Sapê, tive meus três filhos aqui. No tempo dos meus filhos, eles tomavam banho e pescavam em um rio, que passa aqui embaixo. Tinha muita rã, muito peixe. Mas, depois da evolução dos lugares por aí...não a nossa aqui...começaram colocando muita sujeira no rio, esgoto, entulho e o rio está acabando. Agora é uma vala de água suja, não tem peixe nem nada. A água está pretinha [...] Até os meus 20 anos, eu lavei roupa no rio. A gente levava a roupa na bacia...normalmente, as mulheres. Lá a gente lavava roupa, enquanto as crianças tomavam banho e botavam a roupa para secar. Às vezes, a roupa ficava quarando e eu vinha em casa...era assim (Dona Ida, 74 anos).

As imagens e a emoção trazidas, a partir das narrativas orais, possibilitam um contato quase que sinestésico com tudo o que estas águas representavam, no passado. O brilho nos olhos e o sorriso nos lábios dos entrevistados citados, abaixo, trouxeram parte da emoção e do sentimento que transbordam no reviver destas memórias. Acreditamos que poucos moradores do bairro nos dias de hoje tenham tido acesso às águas da cachoeira, descrita acima. Durante as atividades do Projeto Sapê, muito se falava da questão do rio poluído do passado, onde os pais dos participantes pescavam e que hoje é apenas uma pequena vala negra.

De acordo com nossa pesquisa de campo, as novas configurações do bairro provocaram a saída de alguns dos antigos moradores, tanto pela inviabilidade do cultivo de alguns tipos de plantações pelo clima cada vez mais seco, que se

apresenta no Sapê de hoje, quanto pela violência e insegurança que emergem no bairro.

No passado, muita gente cultivava planta no Sapê, porque chovia mais. Hoje está mais seco... muito calor com o asfalto e as construções. Naquela época, não... tudo o que plantava, dava (Dona Flora, 75 anos).¹⁰

Sinto uma certa pena de ter que sair do Sapê, por causa das mudanças. Mas, eu já previa que mais cedo ou mais tarde a área do Sapê não ia ficar propícia ao trabalho de cultivo, também pela questão da segurança. Eu já tinha, mais ou menos, me preparado para uma saída futura. Com o desmatamento e a aceleração de crescimento de casas, com o corte de árvores, esquentou muito! O clima está mais seco e quente... a umidade mais baixa. A umidade local baixou demais e isso prejudica muito o cultivo de plantas, principalmente a orquídea. No início do meu viveiro, há 15 anos atrás, eu posso afirmar, com segurança, que o clima era mais fresco. A umidade era mais alta e o clima era mais fresco. De lá para cá, esquentou muito... a umidade baixou muita coisa (Nilson, 47 anos).

Uma estratégia sugerida por um dos entrevistados para a continuidade de sua profissão foi a da especialização e o contato com outros produtores, como possibilidade de divulgação e compartilhamento de técnicas, únicas, que desenvolveram, juntamente às que aprendem em cooperação. Infelizmente, os moradores antigos não desenvolveram movimentos, que pudessem auxiliar na criação de redes de apoio na área de agricultura, por fatores que vão desde a dificuldade de deslocamento para outras regiões até questões econômicas mais complexas – a maior parte deles ainda caminha a pé, por necessidade e também por terem construído caminhos alternativos de chegada até a mata, criando a possibilidade de continuidade de seus ofícios, independente dos desafios da questão econômica.

¹⁰ Dona Flora, 75 anos, nasceu no Sapê, viúva, 3 filhos, um deles trabalha com plantas; cultiva Renantheras (tipo de orquídea) em seu pequeno sítio até hoje, sendo base de sua renda familiar.

COMENTÁRIOS FINAIS

Buscamos na escrita deste artigo registrar os resultados de estudo de caso realizado na comunidade do Sapê, Niterói, Rio de Janeiro, a partir de pesquisa de Mestrado realizada no programa EICOS/UFRJ (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) pela autora. Partindo, inicialmente de conceitos teóricos sobre o tema da Memória Social e Transmissão de Conhecimentos, reafirmamos a importância do tema proposto para o campo da educação e para as questões ambientais da comunidade, na problematização de questões como territorialidade, enraizamento/desenraizamento, resistência cultural e cidadania. A escolha metodológica incluiu a História Oral no registro e tratamento dos dados, possibilitando a criação de uma base de dados a ser compartilhada com as principais instituições do bairro – Escola Municipal Levi Carneiro, Casa Maria de Magdala, Casa do Homem de Amanhã e Escola Particular Catavento, reconhecendo a importância da memória social e da troca intergeracional de conhecimentos. As estratégias utilizadas para a transmissão da história oral, a partir da pesquisa investigada, incluiu conversas com estudantes, professores e voluntários das instituições citadas, além de apresentação de fotos e vídeos com moradores antigos da região, com vistas a uma resignificação de suas memórias.

Para além das questões dicotômicas e de uma possível redução do tema abordado em categorias restritivas - presente/passado, rural/urbano, cidade/roça, baixa tecnologia/alta tecnologia – as discussões levantadas, a partir da pesquisa de mestrado realizada, sugerem a memória social e coletiva como possibilidade de rearticulação do campo de significações, enraizamento

e reconhecimento de território e a troca intergeracional como recurso para o restabelecimento de um diálogo entre jovens e idosos, novos moradores e antigos moradores da região.

Os resultados da pesquisa apontam para a urgência da articulação dos pequenos produtores rurais em redes, onde possam reconhecer-se como profissionais, pequenos produtores e, além disso, estarem em contato com as novas técnicas utilizadas na atualidade. No campo político, social e econômico, isto implicaria uma maior disponibilidade de recursos econômicos, de mão-de-obra e de transporte, para uma maior valorização de sua produção e a introdução da mesma no mercado. A valorização dos saberes tradicionais de uma comunidade como a do Sapê requer uma mudança realmente estrutural, com vistas à continuidade e valorização da memória e sabedoria local, que muitos nem sequer chegaram perto de conhecer, pelo silêncio gerado em todos estes anos. Consideramos o registro dos resultados desta pesquisa de grande importância, não só para dar voz aos moradores da comunidade escolhida, mas também para outros bairros brasileiros, com histórias semelhantes, possibilitando uma ampliação dos canais de transmissão intergeracional de conhecimentos tradicionais nas comunidades.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, A, OSBORNE, P (1997). *A Filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed..
- BENJAMIN, W (1985). *Obras escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense.
- BENJAMIN, W. (1994a). 'O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov', *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense.
- BOSI, E.(1987). 'Cultura e desenraizamento'. In: Bosi, A, org. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, cap. 2, p. 16-41.
- CONNERTON, P. (2008) 'Seven Types of Forgetting', *Memory Studies* 1(1): 59–71.
- LOUREIRO, C.F., LAYRARGUES P. P., CASTRO, R.S. (orgs.). (2005). *Educação Ambiental: Repensando o espaço de cidadania*, 3 ed, São Paulo: Cortez.
- LOUREIRO, C.F. (1994). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras..
- CHAUÍ, M.(1994) Prefácio. In: *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FROCHTENGARTEN, F. (2005). 'A memória oral no mundo contemporâneo'. *Estudos Avançados*, vol. 19, no. 55, p. 367-376.
- HAESBAERT, R. (2001) 'Território, cultura e desterritorialização'. In: ROSENDAHL, Z & CORRÊA, R.L. (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- HALBWACHS, M (1980). *The collective memory*. New York: Harper & Row.

MINAYO, M.C.S (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

NORA, P.(1993). 'Entre memória e história. A problemática dos lugares'. *Projeto História*, no. 10. São Paulo: PUC/SP..

OLICK, J.K. (2008) "'Collective Memory": A Memoir and Prospect', *Memory Studies* 1(1): 23–9.

ONU, Diesa (1985). *Periodical on Aging*.

POLLAK, M.(1995) 'Memória e identidade social'. *Estudos Históricos*. São Paulo: PUC.

SANTOS, B. (2006) 'A Gramática do Tempo: Entre a Justiça e a Identidade. Lua Nova', *Revista de Cultura e Política*, 63,, pp 143-160.

SANTOS, M S (2003). *Memória coletiva & Teoria Social*. São Paulo: Annablume.

SARLO, B.(2005) *Tempo presente. Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olímpio.

SOUZA, P.C.A. (2009). 'Memória Oral e Transmissão de Conhecimentos: a comunidade do Sapê, Niterói, RJ, na voz de mateiros, erveiros e cultivadores de plantas ornamentais da região' / Patricia Carla de Almeida e Souza – Rio de Janeiro. *Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Psicologia.

SOUZA, P.C.A. (2007). 'Identidade e tradição local: uma possibilidade no trabalho comunitário com adolescentes'. XV ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social, Rio de Janeiro.

VELHO, G. (1994). 'Memória, identidade e projeto'. Em: Velho, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 101.

WEIL, S.(1996). 'O desenraizamento operário'. Em: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Antologia org. por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 413-440.

WEIL, S.(1996b). 'O enraizamento'. Em: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Antologia org. por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 413-440